



Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

Impactos Comunicacionais da Cibercultura na Contemporaneidade



Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

Impactos Comunicacionais da Cibercultura na Contemporaneidade


Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
134	<p>Impactos comunicacionais da cibercultura na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-769-7 DOI 10.22533/at.ed.697191111</p> <p>1. Comunicação social. 2. Computadores e civilização. 3. Tecnologia da informação. I. Silva, Marcelo Pereira da. CDD 303.483</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Cibercultura ganhou relevância nas investigações sobre informação, usabilidade, comunicação, interatividade, redes e atores sociais “on-line” em todo o planeta. Essa cultura emergente surge com base nos avanços tecnológicos e técnicos que possibilitam a construção de novas socialidades, rearranjando a estrutura das relações entre diferentes sujeitos, nós e conexões.

Esse universo constrói uma ecologia e uma inteligência cognitiva, influenciando as medições sociais, políticas, culturais, religiosas, organizacionais, etc. É inegável a existência de um ciberespaço que se caracteriza por sua natureza incontável, dada a profusão de opiniões, acessos, expressões, diálogos, embates, etc., gerando uma cultura peculiar que segue em constante evolução.

Nesse sentido, este livro considera as múltiplas plataformas de mídia digital cruciais no erigir de um novo tempo e espaço no qual todos estamos inseridos. A comunicação e a democracia são duas faces de uma mesma moeda e as redes da Internet são o epicentro da legitimação da participação, colaboração e interação entre sujeitos, organizações e estados. A influência dos atores/usuários das mídias digitais é uma realidade sem volta, mas possui suas aporias, premência de uma sociedade mediatizante e consumista.

Em um mundo aberto no qual cada sujeito quer ter o direito e a liberdade de manifestar opiniões a respeito de tudo – e de todos –, as redes digitais são um habitat propício para tensionamentos e diálogos, já que distribui e compartilha as malhas de poder, antes concentrado nas mãos dos grandes conglomerados de comunicação e vincado no modelo “de um – para muitos”, possibilitando maior participação e legitimando o modelo de comunicação “de muitos – para muitos”, o qual é síncrono e independente das distâncias geográficas.

Os artigos que compõem esta obra levam em conta que a cibercultura provoca mudanças seminais no ambiente comunicacional, informativo e de interatividade, afetando rigorosamente as diretrizes de construção de significados e as relações de poder, haja vista sua complexidade sociotecnológica, cultural e as novas socialidades que constitui.

Os autores que perfilam por este livro apresentam temáticas que problematizam as relações de consumo, o cyberbullying, jogos digitais, comportamento de usuários, etc., no contexto de uma cultura digital, por meio de diferentes campos teórico-metodológicos. Debruçam-se sobre o cenário atual da cibercultura, convidando-nos à análise de suas vantagens, mas, também, de seus efeitos colaterais, os quais se enleiam, umbilicalmente, à ambivalente sociedade contemporânea.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
APONTAMENTOS SOBRE O IMAGINÁRIO DA CIBERCULTURA	
Pablo Fabião Lisboa	
DOI 10.22533/at.ed.6971911111	
CAPÍTULO 2	14
O SITE DE REDE SOCIAL RECLAME AQUI: A EMERGÊNCIA DO CONSUMIDOR CONTEMPORÂNEO E OS DESAFIOS DA CONVIVÊNCIA	
Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6971911112	
CAPÍTULO 3	26
ANÁLISE DE UM CANAL MUDIÁTICO ENQUANTO FORMADOR DE IMPRESSÕES E COMPORTAMENTOS EM USUÁRIOS	
Edson Fernando Sabadin da Silva	
Damaris Ferreira Hipólito	
Anita Teixeira de Mendonça	
Cristiane Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6971911113	
CAPÍTULO 4	37
CYBERBULLYING: O PROBLEMA E UMA OPORTUNIDADE PARA REFLEXÃO	
Gabriel Santos Pereira	
Rodrigo Neris Ferreira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.6971911114	
CAPÍTULO 5	48
A SEMIÓTICA E A PERCEPÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS REDAÇÕES DO ENEM: UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE INTERAÇÃO DO ALUNO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Vânia Warwar Archanjo Moreira	
José Bernardo de Azevedo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.6971911115	
CAPÍTULO 6	60
MOTIVAÇÕES DAS FAKE NEWS E A MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA- ANÁLISE DAS NOTÍCIAS COMPARTILHADAS EM JULHO/2017 PELO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) EM SUA FANPAGE NO FACEBOOK	
Ivanilce Santos Oliveira	
Tamiris Artico	
DOI 10.22533/at.ed.6971911116	
CAPÍTULO 7	68
TEMPORALIDADES EM JOGOS DIGITAIS: UMA BREVE ARQUEOLOGIA	
Ednei de Genaro	
Gustavo Denani	
DOI 10.22533/at.ed.6971911117	

SOBRE O ORGANIZADOR	84
ÍNDICE REMISSIVO	85

A SEMIÓTICA E A PERCEPÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS REDAÇÕES DO ENEM: UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE INTERAÇÃO DO ALUNO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Vânia Warwar Archanjo Moreira
José Bernardo de Azevedo Junior

RESUMO: À luz dos estudos da teoria da significação proposta pelo semioticista Algirdas Greimas, dos trabalhos desenvolvidos sobre percepção do fenomenólogo Maurice Merleau-Ponty e das discussões acerca da cibercultura, este artigo discorre sobre os efeitos de sentido que emergem do sincretismo de linguagens, ou seja, os elementos instalados no texto – palavras e imagens – em dada topologia do formato do impresso que, ao interagirem entre si, proporcionam ao leitor a apreensão e construção do sentido dos enunciados das redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O objetivo geral é identificar os valores sociais exigidos pelo MEC e a compreensão dos mecanismos dos enunciados sincréticos instalados nos textos motivadores que compõem a proposta de redação por meio do arcabouço da teoria semiótica discursiva. A presença da tecnologia e de novos meios de comunicação vem transformando o modo dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem, perceberem o seu redor sob uma construção merleauPontyana, e construir conhecimentos nesta sociedade contemporânea. Este fenômeno propicia lógicas de agrupamentos diferenciados,

em consequência de ações culturais da cibercultura. Constituem esse alicerce teórico a semiótica como teoria da significação proposta por Algirdas Julien Greimas, complementada pelas edificações da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Na esteira da discussão também estão as contribuições de Eugenio Trivinho e Ana Claudia de Oliveira.

PALAVRAS-CHAVE: ENEM; semiótica; percepção; glocal; tecnologia.

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, tem-se percebido que a distância quanto ao aspecto geográfico não é mais um obstáculo do ponto de vista da educação, graças ao acesso e domínio das tecnologias da comunicação. A Internet foi a tônica do momento no século XX e seus avanços e contribuições não podem ser desprezados. Muito pelo contrário. A partir do século XIX até nossos dias as transformações pessoais e sociais foram fortemente influenciadas pela técnica e, nos últimos anos, especialmente, pela tecnologia digital.

É inegável que as tecnologias e as redes digitais estão inseridas na vida do candidato. Contudo, há um imbróglio que assombra os métodos e os processos pedagógicos que nos obriga, enquanto pesquisadores e professores,

debruçarmos na esteira das discussões dos estudos científicos para que possamos depreender as construções de sentido que emergem das propostas das redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e investigar se essa apreensão está ajustada à vida do aluno do século XXI.

Os impactos das transformações sociais e comunicacionais nos indicam um novo ambiente sociocultural baseado na era digital, no ciberespaço, que traz também uma nova forma de cultura, conhecida como cibercultura, em que a lógica racional é hipertextual, não linear e interativa. Ao tomarmos em mãos os enunciados propostos pelo ENEM, abrimos uma fissura na discussão dos sentidos dos objetivos instalados nos enunciados da redação pelo Ministério da Educação e o que de fato o aluno contextualiza no ambiente em que vive.

Como as propostas de redação do ENEM possuem múltiplas linguagens como verbal e visual impressas em seu enunciado, por meio dos textos motivadores, elas não podem ser estudadas como mero resultado de uma soma de partes na totalidade da apreensão dos sentidos do enunciado global. Desta maneira, toma-se aqui instalada uma enunciação sincrética, ou seja, uma composição textual organizada segundo o sincretismo entre as linguagens verbal e visual. Assim, compreende-se nas palavras de Oliveira que:

Considerando que a totalidade do sentido de um objeto sincrético é processada pelo arranjo global de formantes de distintos sistemas, assim como de suas regras de distribuição e ordenação, assumimos que essa integração se caracteriza por procedimentos de sincretização. (2009, p.80).

Muito diferente do que o senso comum aponta apenas para a linguagem verbal, a ideia de texto para a semiótica greimasiana implica considerá-lo como um todo de sentido, ou seja, como um organizado de sentido, dando a devida importância aos procedimentos e mecanismos que o estruturam, entrelaçando esses sentidos ainda mais em um mundo globalizado no século XXI. Isso significa, portanto, que “num texto o sentido de cada parte é definido pela relação que mantém com as demais constituintes do todo; o sentido do todo não é a mera soma das partes, mas é dado pelas múltiplas relações que se estabelecem entre elas”. (FIORIN, 2006, p. 14).

Fica claro compreender que uma mesma frase, ou qualquer outra parte desmembrada do texto, pode ter qualquer significado distinto de sua totalidade. Assim, é necessário considerar que para fazer uma interpretação dos objetos semióticos instalados em qualquer enunciado é necessário levar em conta o contexto em que eles estão inseridos (Fiorin, 2006).

Não se enveredando por questões filosóficas em relação ao sentido da vida, ao nos debruçarmos sobre os estudos da semiótica greimasiana percebemos que tudo faz, ou produz, o sentido. Ao se preparar para realizar a prova do ENEM, o candidato já está inserido em uma rede de sentidos. Não que qualquer ação que antecede a esse momento não fizesse sentido, muito pelo contrário, na verdade, esse aluno vive inserido em uma trama dos sentidos criada por sua própria existência como ser

humano.

Desta forma, entendemos que a apreensão do sentido pode ocorrer quando o candidato toma em mãos a prova do Exame e começa o processo de leitura dos enunciados, ou por simplesmente por estar inserido na sociedade em que os seus atos tornam-se inerentes à sua condição de existência, fundamentada a atividade humana enquanto intencionalidade Greimas e Courtés (2013).

Outra teoria que procura dar conta desse conceito está nos estudos de L. Hjelmslev que propõe sentido como um “material” ou “suporte” ao qual a Semiótica se manifesta enquanto formal por meio dos manifestantes: o plano da expressão e o de conteúdo, que possuem, enquanto substância, uma distinção entre um e outro.

(...) uma definição operatória de sentido, identificando-o com o “material” primeiro, ou com o “suporte” graças ao qual qualquer semiótica, enquanto forma, se acha manifestada. Sentido torna-se, assim, sinônimo de ‘matéria’ (o inglês ‘purport’ subsume as duas palavras): uma e outra são empregadas indiferentemente, falando-se de dois ‘manifestantes’: o plano da expressão e o do plano do conteúdo. (GREIMAS & COURTES, 2013, p. 457).

Uma vez que trabalhamos na compreensão do termo *sentido*, precisamos nos debruçar sobre os estudos da *significação*, até por conta de ser o objeto de estudo da Semiótica. Greimas e Courtés (2013) explicam que anteriormente à sua manifestação sob forma de significação, nada poderia ser dito do sentido. Em outras palavras, o sentido é uma abstração ou possibilidade, enquanto o significado é um evento real e único; e a significação é, por fim, aquilo que tende o evento real. Dessa forma, neste trabalho, o mais adequado de se aprofundar é no processo de significação. Para isso, debruçaremos nos estudos da semiótica de linhagem francesa em que o pesquisador Greimas elaborou uma metalinguagem que analisa e descreve a significação de um texto/discurso, por meio de estruturas que compõem o conteúdo, segmentadas em níveis de significação.

Ao entender que a semiótica de linhagem francesa é uma teoria da significação que enfoca a construção de sentido nos diversos textos, no mundo como um texto, percebe-se que o candidato do ENEM é produtor de sentido e também faz parte de toda rede de significados criada na sociedade. Assim compreendido, o candidato não é apenas o destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso, por ser a “leitura” um ato de linguagem (ato de significar) da mesma maneira que a produção de discurso propriamente dita. (GREIMAS & COURTES, 2013, p. 171).

Fica evidente que o texto não está restrito ao mundo das palavras, tomada como a expressão verbal apenas como a única fonte de sentido. O candidato, ao deparar-se com a proposta do ENEM, se projeta naquela teia de significados na tentativa de buscar um sentido em seu repertório, ainda mais em meio a tecnologia envolvendo a vida da sociedade. Landowski deixa muito claro essa reflexão quando diz:

O universo inteiro é uma espécie de texto que lemos continuamente, não só com nossos olhos, mas com os cinco sentidos. O problema é, então, conceber as

categorias suficientemente gerais que nos permitam reconstruir, em toda a sua variedade e riqueza, a maneira pela qual o mundo se apresenta a nós – e pela qual ele significa para nós –, ao mesmo tempo como mundo inteligível e como mundo sensível. (2009, p.47).

Estes sentidos imersos no texto apontam para a postura emergente do aluno “sujeito no mundo como corpo no mundo”, conforme afirmado por Merleau-Ponty em sua fenomenologia da percepção quando aponta que:

Os sentidos são distintos uns dos outros, e distintos da inteligência [...] a série das experiências de cada indivíduo se dá como concordante porque: cada aspecto da coisa percebida é um convite a perceber além (constitui uma parada no processo perceptivo). Assim, falar da percepção é falar do corpo, pois [...] Meu corpo é a textura comum de todos os objetos e ele é, pelo menos em relação ao mundo percebido o instrumento geral de minha compreensão. (1971, p.132).

Ao levar em conta o sujeito atuante no mundo enquanto seu próprio corpo, Merleau-Ponty aponta o valor da experiência perceptiva, que emerge da relação dinâmica desse corpo enquanto um sistema de forças no mundo. Isso implica uma visão do corpo na totalidade de sua estrutura de relação com as coisas ao seu redor – como uma fonte de sentidos e ensina que o conhecimento emerge do saber latente que ocorre no próprio corpo (Masini, 2003).

Esta percepção aqui em voga circunda uma compreensão que supera a capacidade de um simples olhar, desprovido de qualquer envolvimento com o entorno. Para além disso, o perceber se faz uma atitude quando assim assumida toda a sua complexidade de entendimento do derredor, de imersão plena do sujeito no mundo, de contato com este mundo, de imersão neste mundo e logo, de construção de sentidos nos diversos textos deste mesmo mundo como assim clarifica a semiótica.

Uma reflexão a respeito se faz quando este sujeito, pertencente ao momento, se faz disponível aquele instante. Tamanha disponibilidade e entrega caracterizam a postura do perceber, de busca por sentidos e significados que ultrapassam os limiares acomodados e mecanizados, culturalmente enraizados em nossas experiências sociais diárias, refletidas nas propostas do ENEM de construção de interpretações destes sentidos pelo candidato.

De acordo com Masini (2007), cotidianamente, por meio da percepção os objetos vão aos poucos tomando forma, estruturando - se a partir de ações e reações sobre aquilo que está ao derredor. Por meio das interações no ambiente em que se está vai-se desenvolvendo habilidades de perceber, experienciar, organizar e compreender o mundo que se habita. Para as pessoas que dispõem da visão (videntes), a predominância deste sentido está tão presente que se tornam desatentas a isso, e desconsideram as demais vias de percepção - no perceber a si própria, o outro e o entorno - assim como ocorre com o público contemplado com as atuais configurações ofertadas pelo Exame aqui em discussão.

Inclinada à experiência do sentir, a percepção busca totalizar o entendimento do corpo, este assumido enquanto fonte de sentidos, de interpretações, de

conhecimentos. É o perceber próprio, o perceber o outro e o entorno que salientam esta tomada postura como raiz de significados, como um solo fértil de aprendizado identitário e do mundo. Neste limiar, cabe uma proximidade com as novas tecnologias que compõem o candidato de hoje, conforme apontado, capazes de expandir esse solo, fazendo-o ainda mais próspero e possível de fazer deste mesmo candidato um produtor de sentidos que acaba refletindo nas propostas do Exame Nacional aqui em discussão.

Masini (2012) acrescenta que Merleau-Ponty ao abordar a percepção sinaliza três amplos pontos:

a) os fenômenos não são coisas, mas acontecem num campo do qual o sujeito faz parte e o mundo constituem juntos um sistema;

b) o que caracteriza a identidade do mundo percebido é a temporalidade, isto é, a síntese temporal através das próprias perspectivas do sujeito que percebe: a perspectiva presente anuncia a outra e retém a precedente num encadeamento. São várias perspectivas que vão se constituindo em movimentos de retomada do passado e abertura para o futuro, sempre sendo possível novas perspectivas;

c) para compreender a percepção é necessário evitar a alternativa natural (dos acontecimentos que se ligam entre si e causam uns aos outros) e a alternativa naturante (do sujeito que constitui o mundo e que dá sentido ao mundo). Em outras palavras, a perspectiva da objetividade (do mundo existente em si) ou da subjetividade (do mundo existente para si ou para uma consciência) são duas posições na qual o sujeito da percepção é ignorado (p.18).

Notadamente, o significado que o corpo carrega na perspectiva merleupontyana delinea o sujeito no mundo como corpo no mundo, conforme já apontado. Corpo este que sente, que sabe, que compreende. Este entendimento do corpo, essa experiência original que de acordo com Masini (2012) é pré-consciente, pré-emocional, pré-categorial, viabiliza assim

reencontrar o corpo presente e total, aquele que não é um fragmento ou feixe de funções, mas um entrelaçamento de percepções (ou sentidos) e de dinamismo. Esta superposição impede de conceber a percepção como operação do pensamento, que ergueria um quadro de representação do mundo, da imanência e da identidade. (p.18).

Refere, assim, a um sujeito imerso no mundo com seu corpo próprio, que se aproxima e se abre para o mundo, se fazendo disponível. Sendo assim, constrói o seu entorno diariamente, e as percepções vão tomando forma a partir de ações e explorações do que o cerca. Percepções estas necessárias, passando pelo processo de semiose, para a construção de sentidos imersos no texto por parte do candidato.

Caminha (2013, p. 114) alerta para o fato de que todo este complexo sistema da experiência perceptiva, do mundo, “[...] corpo próprio e eu empírico, não pode ser reduzido a uma mera conexão de termos produzidos por relações causais, conforme a perspectiva empirista, ou por um pensamento universal, segundo o modelo intelectualista”. Tal apontamento retoma a validade de revisão identitária deste aluno envolto no contexto do ENEM, de modo a um necessário repensar a

respeito da imersão, da total disponibilidade (ou não) deste sujeito neste universo e ainda, as reais condições que o Exame apresenta para tanto. Visualiza-se assim a viabilidade de deslocamento do que já é por herança pronto para o que deve ser qualitativamente construído pelo candidato, à luz da percepção e da semiótica.

Caminha (2013) acrescenta a respeito dessa peculiaridade que o pensamento objetivo transforma tudo o que se percebe em objeto, sem se perguntar pelo momento originário da experiência de perceber. Considerando este momento, alega que Merleau-Ponty propõe então pensar a formação de uma subjetividade pré-pessoal como ponto de partida para se conceber o sentido originário da percepção.

A partir dessa subjetividade, certo de que o corpo sabe, o corpo compreende e é nele que o significado se manifesta, Merleau-Ponty (2011) traz o entendimento de consciência encarnada, termo que posteriormente é substituído por consciência intencional e mais tarde apenas por corpo (Masini, 2012).

Este filósofo discorre que o corpo se faz uma importante fonte de significados, de interpretações. Para ele, o sujeito da percepção não é mais a consciência da qual provinha o conhecimento separado da experiência vivida, mas sim o corpo no mundo - solo fértil de sentidos do sujeito no mundo. Posteriormente ocorre a reflexão fruto da atenção ativa do sujeito no mundo - reflexão sobre o vivenciado, no desvelar significados daquilo que é percebido (Masini, 2012). É o percebido que trará ao candidato respaldo para ampliar e enriquecer seu repertório de sentidos no texto, de suas interpretações nos mais diversos contextos que assim o ENEM abrange.

Nessa perspectiva, pode-se recorrer à seguinte compreensão:

aquele que vê um objeto qualquer sente que ainda existe ser para além daquilo que ele vê atualmente. O sujeito percebe sempre num campo. Ele é sempre ser relacional. Seja no primeiro momento, de natureza pré-pessoal, ou num segundo momento, de natureza pessoal, o sujeito é sempre dirigir-se para. A experiência de sentir nasce antes mesmo de se ter consciência de que se sente alguma coisa do ponto de vista representacional (Caminha, 2013, p.117).

Merleau-Ponty assinala, neste mesmo limiar, que a compreensão emerge da experiência de um corpo próprio em contato com o que o cerca – do sujeito em relação com outro ser humano em sua experiência humana e com objetos. Através do corpo vivo do outro, que carrega a mesma estrutura do corpo próprio de cada um, “sabe-se que e como o outro se serve de objetos familiares de um mesmo mundo físico e cultural do qual cada um compartilha” (Masini, 2012, p.20).

As palavras de Merleau-Ponty (2015) vão ao encontro do explanado quando salienta a percepção do outro nesta relação estabelecida:

É preciso, portanto, que pela percepção de outrem, eu me encontre posto em relação com um outro eu, que ele esteja em princípio aberto às mesmas verdades que eu, em relação com o mesmo ser que eu. E essa percepção se realiza: do fundo da minha subjetividade, vejo aparecer outra subjetividade investida de direitos iguais, porque, em meu campo perceptivo, se desenha a conduta de outrem, um comportamento que compreendo, a palavra de outrem, um pensamento que eu abraço, e porque este outro, nascido em meio aos meus fenômenos, apropria-

se deles tratando-os segundo as condutas típicas das quais eu próprio tenho a experiência. Assim como meu corpo, enquanto sistema de minhas apreensões de mundo funda a unidade dos objetos que percebo, assim também o corpo de outrem, enquanto portador de condutas simbólicas e da conduta do verdadeiro, é arrancado da condição de um de meus fenômenos, propõe-me a tarefa de uma comunicação verdadeira e confere a meus objetos a dimensão nova do ser intersubjetivo ou da objetividade. Tais são, rapidamente resumidos, os elementos de uma descrição do mundo percebido. (p.39).

Nesta centralidade do corpo do outro como fonte válida de sentidos, a premissa da descoberta, de construções e reconstruções se faz uma forte presença na compreensão totalizante do sujeito. É a sociabilidade em voga que dissemina novos olhares, novas atitudes perceptuais neste envolvimento com o mundo, com as novas tecnologias que naturalmente em nossa sociedade contemporânea permeia a vida do candidato ao ENEM e, por isso, tende a ampliar sua percepção de sentidos imersos no texto, para além, de novas construções de sentidos nos diferentes textos, como reza a semiótica.

Dada sua atenção para este mundo percebido a partir do outro, do corpo do outro, o filósofo francês acaba resgatando um limiar originário do perceber, já que esta relação com outrem também é fonte de sentidos. Vai de encontro então às sensações, ao sentir pleno e suas variantes, especialmente quanto ao entendimento de que tais experiências pelas sensações contemplam toda a complexidade motora do corpo.

Cabe ressaltar assim que estas sensações carregam ampla relevância no que tange a imersão do candidato ao Exame na tarefa de apreensão e logo, de formatação de sentidos naquele instante - de toda forma, a motricidade faz-se uma das expressões do “ser-no-mundo”, haja vista ser na ação que a espacialidade do corpo se realiza. A intencionalidade motora ensina que o corpo próprio exhibe uma característica fundamental, ele é a sede do fenômeno da expressão, da formação de sentidos, de construções do entorno. O fenômeno expressivo se instala, então, no corpo próprio (Rosa, 2010).

De igual modo sobre este corpo, no que cerne as sensações,

O sujeito que sente não é reduzido a um sujeito empírico submetido às leis causais da natureza. Ele também não é uma mera consciência constituinte desprovida do peso terrestre. Ele é um sensível que se lança para sentir o mundo tal como ele se manifesta para o corpo. Logo, meu corpo já sentiu o mundo antes mesmo que eu me desse conta dessa experiência. É por essa razão que Merleau-Ponty afirma que toda sensação comporta um germe originário de despersonalização. Antes de meu corpo assumir uma postura personalizada de vida, seu nascimento e sua morte são despersonalizados. A morte e o nascimento não podem aparecer para mim mesmo como sendo minhas. O nascimento e a morte são horizontes pré-pessoais. A natalidade e a mortalidade são anônimas. Logo, podemos saber que se nasce e se morre sem, portanto, conhecer o próprio nascimento e a morte. (Caminha, 2013, p.117).

Nesta continuidade merleau-pontyana, é no corpo e pelo corpo que a subjetividade se estabelece, haja vista o sujeito da percepção se tornar sujeito na experiência de

sentir. E este corpo constrói, ao longo de sua trajetória, outros modos de ser no mundo por meio de vivências, conferindo ao sujeito uma intencional desconstrução própria de si no mundo.

O sentir então não se faz apenas uma reação motora a estímulos externos, do ambiente. Para além destas influências, o corpo assume seu papel enquanto uma atitude determinante no ato de sentir o derredor, de observar o entorno. Atitude que faz-se importante quando referenciamos a postura do candidato ao ENEM e as reais possibilidades deste perfil a ser construído diante das ofertas do referido Exame.

Ainda, “o sujeito da sensação não é nem um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou sincronia com ele”. (Merleau-Ponty, 2011, p.245). O filósofo expõe essa afirmação ao fazer uma comparação entre aquele que sente e o sensível, já que a prática do sentir também requer uma experiência de entrega, “que é vivida por um sujeito encarnado no mundo” (Cerbone, 2014, p.139).

A ênfase centralizadora é na importância do contato com o mundo que o sujeito precisa ter, entre as mais variadas sensações, a partir dos sentidos de que dispõe sempre em plena interação, nunca deslocado apenas como um espectador. Este candidato, assim imerso no texto, acaba produzindo novos sentidos, inovadoras construções, graças à tamanho envolvimento que sua atitude do perceber proporciona em seu derredor, nesta interação constante com o mundo, com as novas tecnologias, com as mais diversas linguagens, enfim, com seu mundo.

O apontamento de Merleau-Ponty quanto ao corpo como um dado fundamento para uma sensível compreensão de mundo reflete a afirmação de Husserl de que o corpo serve como o “ponto zero de orientação”, e assim, permite a possibilidade de ter, de algum modo, uma perspectiva sobre o mundo, sobre o entorno. Tamanha complexidade da experiência perceptiva, formada por este mesmo mundo, se coloca a pensar que este corpo em questão “não é ele próprio apenas mais um objeto revelado dentro desta perspectiva” (Cerbone, 2014).

Trazendo à baila o “ponto zero de orientação”, Husserl sinaliza que o corpo serve como ponto de referência que, junto com a localização do objeto, determina o modo pelo qual o objeto será percebido.

Eu vejo este lado da pedra porque é o lado que está diante de mim (de meus olhos/face/corpo); ela ocupa este tanto de meu campo visual porque está a uma distância tal ou tal de mim (meus olhos/face/corpo). Na verdade, se considerarmos o caráter métrico de nossa experiência perceptual, ou seja, que coisas são manifestas como “aqui” ou “ali”, como “próximas” ou “distantes”, “acima” e “abaixo”, à “direita” ou à “esquerda” e assim por diante, todas essas locuções pressupõem estarmos localizados e orientados com respeito às coisas que são assim manifestas (Cerbone, 2014,p.153).

À luz da questão posicional a partir deste corpo em sua totalidade de Husserl, estarmos localizados e orientados pressupõe nosso habitat corporal no espaço que vivenciamos, que experienciamos. Ao contrário, se não tivéssemos localização

qualquer no espaço que percebemos então as coisas não apareceriam com orientação perspectiva alguma.

Este mesmo “ponto zero de orientação” proposto por Husserl traz à tona a validade, mais uma vez, do entendimento do aluno sujeito no mundo como corpo no mundo, em conformidade com Merleau-Ponty (1971). Esse corpo, se não totalmente disponível, perderá seu referencial no entorno, não se fará válido e desse modo, não contemplará a dimensão necessária para e pela construção de sentidos, de amplitude destes sentidos à luz da semiótica que assim endossa esta postura nos mais diversos textos, dinamizando inclusive a diversidade de linguagens compositoras do entorno.

Rabelo (2008, p. 111) enfatiza a amplitude do corpo ao apontar que nele se encontra uma “dimensão de existência anônima, pré-pessoal”. Para o autor, essa dada existência diz respeito tanto ao ritmo da vida natural quanto à generalidade dos papéis sociais que se acaba de igual modo naturalmente assumindo. Não obstante, essa referência direciona “tanto para a esfera das funções e processos orgânicos, quanto à ação do hábito arraigado, das aspirações não articuladas e disposições sedimentadas, dificilmente acessíveis à reflexão”.

Por entre todos os percursos em direção à percepção, pode-se dizer que, inclinado em Merleau-Ponty em conjunto com os estudos semióticos greimasianos, o candidato ao ENEM sujeito da percepção faz-se o corpo, elucidado para além do experienciado no agora, mas resgatando também o já vivido. É a clareza de superar a condição da “consciência concebida separadamente da experiência vivida e da qual provém o conhecimento” (Masini, 2003, p.07). Não obstante, o corpo constitui fonte de sentidos uma vez que envolve a relação do sujeito no mundo, relação, portanto, sempre significativa e que ilumina a experiência perceptiva a partir da intencional relação do corpo, em sua totalidade, com a sistemática do mundo, das linguagens, dos mais diferentes textos que aqui cabe ao candidato depreender os sentidos. Nas palavras de Rosa (2010), “nosso corpo é para nós muito mais do que um instrumento ou um meio - ele é nossa expressão no mundo à figura visível de nossas intenções, é um “eu natural” e, propriamente falando, ele é “o sujeito da percepção”. (p.145). O corpo então, muito antes de ser um objeto, é a própria dimensão da percepção, é o solo originário do conhecimento para o aluno candidato ao Exame, seduzido pelas novas tecnologias, um necessário produtor de sentidos e perceptivo aos sentidos imersos no texto.

Vale ressaltar que esse candidato está imerso em uma sociedade em que todos os envolvidos se comunicam. Comunicação é, então, o ato de se comunicar, de se relacionar com as outras pessoas e serve para que as pessoas possam se relacionar, transformando-se respectivamente e a realidade em que vivem.

Sem comunicação, cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Ao se relacionarem como serem interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas. (BORDENAVE, 1992, p. 36).

De acordo com o linguista Jakobson (2007), para que ocorra a comunicação, deve haver um conjunto de elementos constituídos por um emissor (ou remetente), que produz e emite uma determinada mensagem dirigida a um receptor (ou destinatário). Contudo, para que a comunicação se processe efetivamente entre estes dois elementos, a mensagem deve ser realmente recebida e decodificada pelo receptor. Assim, faz-se necessário que ambos estejam dentro de um mesmo contexto, devem utilizar um mesmo código e estabelecerem um efetivo contato através de um canal de comunicação.

Para Jakobson (2007, p.123) o processo de comunicação se dá:

O REMETENTE envia uma mensagem ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um contexto a que se refere (ou “referente”, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (oi, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos entrarem e permanecerem em comunicação.

Na tentativa de escapar de uma concepção demasiado mecanicista, decretada pelo modelo da informação, a semiótica greimasiana procura situar esta noção-chave em contextos mais amplos, como o das atividades humanas em geral. Para Greimas e Courtés (2013, p.81) é “indispensável situar essa noção-chave em um contexto mais amplo”. Isso implica, de acordo com a semiótica francesa, enxergar a aspectualização da comunicação como processo comunicativo. Os semioticistas explicam que as ações humanas são divididas em dois blocos: o eixo da produção, quer dizer, a ação dos homens sobre as coisas; e o eixo da comunicação – a ação do homem sobre os próprios homens, criadora das relações intersubjetivas e fundadoras da sociedade.

As atividades humanas, no seu conjunto, são geralmente vistas como ocorrendo em dois eixos principais: o da ação sobre as coisas, pela qual o homem transforma a natureza – e o eixo da produção -, e o da ação sobre os outros homens, criadora das relações intersubjetivas, fundadoras da sociedade – é o eixo da comunicação. (GREIMAS & COURTÉS, 2013, p. 81)

Desse modo, para Greimas, o ato de comunicar é visto como uma manipulação, não num sentido depreciativo, porque se trata apenas de um fazer-fazer e um fazer-criar. Assim, quem comunica algo quer fazer com que o outro faça algo ou creia em alguma coisa. Comunicar, antes de qualquer coisa, é pressupor a quem eu me dirijo, qual é o saber desse enunciatário, o que será comunicado, de que maneira, para que, de fato, a comunicação seja bem-sucedida.

Se assumir a fala do outro é nela acreditar de uma certa maneira, então, fazê-la assumir equivale a falar para ser acreditado. Assim considerada, a comunicação é mais um fazer-criar e um fazer-fazer do que um fazer-saber, como se imagina um pouco apressadamente. (GREIMAS & COURTES, 2013, p. 83)

A abordagem propriamente semiótica da comunicação caminha por um viés

bem diferente da apresentada pela teoria da comunicação tradicional, da qual o esquema mencionado pode ser considerado representativo. À medida em que a comunicação se situa entre sujeitos e em que os valores investidos nos objetos postos em circulação (valores pragmáticos ou cognitivos, descritivos ou modais) são considerados constitutivos do ser do sujeito, é evidente que emissor e o receptor (considerados pela teoria da comunicação) cedam lugar ao destinador e ao destinatário, instâncias trabalhadas pela semiótica, uma vez que o sujeito não é um mero espectador do discurso.

Essa diferença terminológica está ligada à que opõe a teoria da comunicação à semiótica: enquanto o emissor representa uma posição vazia (numa perspectiva essencialmente mecanicista, que procura lidar com puros autônomos), o destinador é um sujeito dotado de uma competência particular e apreendido em um momento de seu devir (o que corresponde a um ponto de vista mais 'humanizante', adotado pela semiótica) (GREIMAS & COURTES, 2013, p. 163).

A presença da tecnologia e de novos meios de comunicação vem transformando o modo dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem, perceberem o seu redor sob uma construção merleau-pontyana, e construir conhecimentos nesta sociedade contemporânea. Este fenômeno propicia lógicas de agrupamentos diferenciados, em consequência de ações culturais desta chamada cibercultura.

E não é à toa que o aluno conectado ao mundo virtual é contemplado com as facilidades da conexão em um clique. Graças a globalização, as fronteiras físicas foram derrubadas e, em frações de segundo, um sujeito consegue se comunicar com outra pessoa em qualquer parte do mundo. Surge então o termo "glocal", introduzido na área de ciências humanas pelo filósofo Paul Virilio (1993). Trata-se da fusão das palavras "global e local" sem redução do sentido dos verbetes. Muito pelo contrário, surge um novo sentido capaz de dar conta do processo relacional vivenciado pela sociedade contemporânea.

Para Trivinho (2012), o fenômeno glocal pertence ao século XX, porém as suas características já são possíveis de serem percebidas nos primeiros *media* capazes de trocar informações entre emissor-receptor em tempo real, como é o caso do telégrafo em pleno século XIX.

"[...] no último quartel do século XIX, já estão presentes todos os elementos básicos que sustentam a existência do glocal atual: equipamentos de telecomunicações, infra-estrutura de rede (pressupostas aí as estações de processamento, codificação e decodificação internacional), acoplamento entre ser humano e máquina, procedimentos de emissão e recepção, tempo real, fluxo (sonoro e/ou imagético) de sentido e não sentido, espectralização da interação humana, desejo comunicacional (de abordagem da alteridade como espectro, isto é, imagem, texto, ícone etc.) [...]" (TRIVINHO, 2012, p. 246).

Urge então a necessidade de que se produzam conhecimentos que possam respaldar esse fenômeno e forneçam subsídios para propostas adequadas de intervenção - para a compreensão do sentido dos elementos do texto sincrético presentes nos enunciados do ENEM, além dos modos de acesso e participação social

do aluno enquanto regime de visibilidade no mundo globalizado e pertencimento na construção identitária sensível do brasileiro.

REFERÊNCIAS

BORDENAVES, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação**. 15ª ed. São Paulo: Editora Braziliense, 1992.

CAMINHA, Iraquitán de Oliveira. **Percepção, corpo e subjetividade**. São Paulo: LiberArs, 2013.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da Análise do Discurso**. 14 ed. São Paulo: Contexto. 2006

GREIMAS, A.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LANDOWSKI, Eric. **Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 10-20, jun. 2014.

MASINI, Elcie Fortes Salzano Masini. A Experiência perceptiva é o solo do conhecimento. Psicologia em estudo. **Revista da Universidade Federal de Maringá**, Maringá, vol. 08 p39-43, set.2003.

_____. **A pessoa com deficiência visual: um livro para educadores**. São Paulo: Vetor, 2007.

_____. **Perceber: raiz do conhecimento**. São Paulo: Vetor, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs). **Linguagens na Comunicação desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

RABELO, Miriam C.M. Merleau-Ponty e as ciências sociais: corpo, sentido e existência. In:VALVERDE, Monclar (org.). **Merleau-Ponty em Salvador**. Salvador: Arcádia, 2008.

ROSA, Mauricio Bueno da. Considerações sobre o corpo e intencionalidade em Merleau-Ponty. **Revista de Philosophia. Faculdade Vicentina de Curitiba**, Paraná, nº. 08 p.135-149, dez. 2010.

TRIVINHO, Eugenio. **Glocal: visibilidade mediática, imaginário bunker e existência em tempo real**. São Paulo: Annablume, 2012.

SOBRE O ORGANIZADOR

MARCELO PEREIRA DA SILVA - Pós-doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, desenvolvendo o projeto intitulado: “Ecologia da Comunicação Organizacional – consumidores, instituições e públicos de afinidade nas redes sociais virtuais: interatividade, decepção, convivência e conflitualidade” (2018). Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo na linha de pesquisa Comunicação Institucional e Mercadológica, defendendo a tese: “A comunicação corporativa e o discurso do consumidor contemporâneo nos sites sociais de reclamação: decepção e coabitação na rede – desafios e oportunidades” (2016). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, apresentando a dissertação: “Sentidos de Brasil na imprensa argentina – A teia noticiosa do periódico *Clarín* (2009). Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (2003). Atualmente, é docente permanente do Mestrado Interdisciplinar em “Cultura e Sociedade”, do Mestrado Profissional em Comunicação e do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Luís. É diretor da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, coordenando os Núcleos de Relações Públicas e Cerimonial, Rádio e TV, Web Jornalismo e Produção Visual e Publicidade desde agosto de 2018. Coordena o Grupo de Pesquisa ECCOM – Ecologia da Comunicação Organizacional na Universidade Federal do Maranhão. É organizador dos e-books: “A Influência da Comunicação”, “Comunicação, Mídias e Educação 2” e “Comunicação, Mídias e Educação 3” pela Atena Editora.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise de conteúdo 60

Arqueologia 67, 68

B

Bullying 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

C

Cibercultura 1, 2, 6, 9, 10, 12, 24, 25, 26, 48, 49, 58, 60

Comunicação 10, 12, 14, 15, 16, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 38, 41, 43, 48, 50, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 75, 84

Conexão 4, 10, 25, 41, 52, 57, 58, 77

Consumidor 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 71, 72, 75, 77, 79, 80, 84

Consumo 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 69

Contemporaneidade 15, 20, 82

Convivência 15, 22, 24, 38, 42, 84

Cyberbullying 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47

D

Discurso 5, 25, 36, 50, 58, 59, 62, 63, 67, 68, 84

F

Fake News 60, 61, 65, 66

I

Imaginário 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 36, 59

Impressões 26, 27, 30

Interação 16, 18, 23, 24, 36, 39, 41, 43, 55, 58, 69, 73, 75

Interatividade 6, 19, 84

J

Jogos digitais 68, 69, 70, 72, 75, 79, 80

L

Legislação 44

M

Manipulação 9, 57, 63
Mídias digitais 19, 37, 38
Mito 1, 2, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13
Mobile 68, 76, 77, 79, 80, 81

N

Notícia 45, 60, 61, 62, 65, 66

O

Opinião Pública 60, 61, 62, 63, 64, 65

R

Reclame AQUI 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24
Redação 47, 48, 49
Rede social 1, 11, 14, 15, 16, 41, 42, 61

S

Semiótica 48, 49, 50, 51, 53, 54, 56, 57, 58, 59
Sentidos 23, 25, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 73, 84
Significados 2, 4, 5, 6, 11, 29, 50, 51, 52, 53
Simcity 81
Sites de reclamação 14, 15, 22

T

Técnica 2, 7, 48, 64
Tecnologia 2, 7, 9, 22, 32, 36, 45, 46, 48, 50, 58, 70, 72, 74, 75, 76, 80
Temporalidade 52, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 79, 81

U

Usuário 14, 28, 38, 42, 45, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-769-7



9 788572 477697